

Apresentação

Lélia Parreira Duarte*

É com alegria que a *Scripta* chega ao seu 19º número, com que se comemoram os dez anos de existência desta revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e de seu Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – o Cespuc.

Mais uma vez cumpre ela o seu papel de contribuir para divulgar a produção significativa de estudiosos das Literaturas de Língua Portuguesa, de várias instituições de ensino superior, do Brasil e do exterior, o que pode ser verificado nos dossiês que compõem este conjunto de ensaios: de literaturas africanas, de literatura brasileira, de literatura portuguesa e um “Diversa”, em que Helena Parente Cunha e E. M. de Melo e Castro discutem, respectivamente, problemas relativos ao cânone e à viabilidade da poesia como paradigma de ver, sentir e entender o mundo.

A temática proposta para este número procurava atender a múltiplos interesses, às vezes específicos das literaturas africanas de língua portuguesa, como em “Novos rumos da poesia no pós-independência”, ou contemplavam as literaturas de língua portuguesa de forma mais abrangente: “Escrita de mulheres”, “A escrita como elaboração da falta”, “Utopia e distopia”, ou “O pesadelo da História”.

Desenvolvendo os temas propostos, o dossiê relativo às literaturas africanas de língua portuguesa começa por um estudo de Helder Garmes da *Revista de Cabo Verde* e de seu importante papel na formação da identidade cultural e literária cabo-verdiana. Traz em seguida o ensaio “Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial”, de Inocência Mata, que reflete sobre o singular ecletismo estético que marca a literatura angolana hoje, colocando em diálogo a poesia consagrada da “geração da Mensagem” e a poesia da “geração das incertezas” marcada pelo olhar pós-colonial. Também Maria Nazareth Soares Fonseca trabalha com a poesia: a partir de poemas de René Depestre e Aimé Césaire, que trazem para a cena literária situações de enfrentamento da opressão colonialista, reflete sobre outras revoluções que se manifestam, nas literaturas africanas, nas relações entre escrita e oralidade.

* Editora da revista *Scripta* e diretora do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas – Cespuc.

Já Moema Parente Augel reflete sobre “O crioulo guineense e a oratura”, mostrando como a língua guineense desenvolveu-se a partir de secular e contínuo contato com os colonizadores portugueses, sendo hoje considerada língua da unidade e da identidade nacionais. E dentro do tema “Utopia e distopia”, Marcelo Caetano analisa “A pedagogia da esperança em *As aventuras de Ngunga*”, observando, no romance de Pepetela, a proposta de uma pedagogia utópica que revisita o mito sebastianista, constituindo-se como uma rasura no discurso hegemônico português.

O dossiê “Literatura brasileira” inicia-se com o ensaio de Angélica Soares, que desenvolve o tema “Escrita de mulheres”, ao buscar uma compreensão poética do memorialismo lírico, em estudo de poemas metamemorialísticos de Cecília Meireles, Marly de Oliveira, Helena Parente Cunha e Astrid Cabral. Segue-se estudo do “malandro na praça outra vez”, de Gilmar Rocha, que busca a compreensão simbólica do discurso sociológico sobre a malandragem, e reflexão de Roberto Acízelo de Souza sobre as duas perspectivas com que as histórias literárias portuguesas vêem a emancipação da literatura do Brasil.

O dossiê contém ainda estudos pontuais: o de Maria Lúcia Dal Farrá, que sublinha os traços de modernidade presentes na obra poética de Álvares de Azevedo, o de Sônia van Dijck, que aponta o dialogismo e a fragmentação que estruturam o romance de Cunha de Leiradella – *Apenas uma questão de gosto* – e o de Suely Maria de Paula e Silva Lobo, que identifica, no conto de Nélide Piñon “I love my husband”, ecos e reflexos evidenciadores de desdobramentos de sentidos no espaço da encenação da palavra.

O dossiê “Literatura portuguesa” traz dois estudos de poesia: o de Luís Maftei, que demonstra a alquímica concepção metamórfica da poesia de Herberto Helder, e o trabalho comparativo de Rogério Barbosa da Silva, que enfatiza a relação entre escrita e morte em poemas de Ana Hatherly e Alberto Pimenta. A narrativa portuguesa é focalizada por Flávia Nascimento, que ilumina os *Sinais de fogo*, de Jorge de Sena, com o paradoxo rimbaudiano “Je est un autre”; por Olívia Maria Figueiredo, que analisa *Ensaio sobre a lucidez*, de José Saramago, mostrando que o sentido comunicado não é mais que o questionamento da relação do homem com o mundo por meio de cenários metafóricos que só a língua permite instaurar; por Maria de Fátima Marinho, que fornece uma visão global da obra de Maria Isabel Barreno, ressaltando as principais isotopias que a compõem, e por Francisco Ferreira de Lima, que focaliza o século XVI e reflete sobre o lado visível e o invisível do Imperialismo, a partir de estudo de Gabriel Soares de Sousa e sua *Trágico-Marítima*.

Enriquecem o volume ainda 18 resenhas de importantes obras das três literaturas de língua portuguesa, entre as quais aparece duas vezes o nosso saudoso

José Maria Cançado, que escreve sobre o novo livro de Helder Macedo – *Sem nome* –, sendo ao mesmo tempo objeto das considerações do escritor português sobre *O transplante é um baião de dois*. Aproveitando a oportunidade para homenagear aqui o amigo e o companheiro de pesquisa – José Maria Cançado, termino esta apresentação com palavras de Helder Macedo: “Nos poemas de José Maria Cançado, coração não é metáfora. O coração que havia sido de outro não é ilusão, é transplante. A morte do inominado outro que doara o seu coração permitiu a continuação da vida do poeta, tentando prolongar as canções de um coração veterano (...). Mas a poesia deste livro que até no seu título musical é diferente da poesia em que coração é apenas metáfora – *O transplante é um baião-de-dois* – também é, a seu modo, poesia de amor. E, como a melhor poesia – como o amor que torna melhor quem o dá e quem o recebe – vai do individual para o coletivo, do pessoal para o universal, das sombras para a luz (...) e nos vem contar que a regeneradora memória que o poeta trouxe consigo é sobretudo dos oficiantes da vida recuperada na coletiva e tangivelmente brasileira “bubuia”, que lhe permitiu navegar com retorno ‘as águas do Aqueronte’”.

